

A vitalidade de marcas linguísticas do alemão (Hunsrückisch) em relação à dominância do português em contato no Brasil e na Bacia do Prata

Cléo Vilson Altenhofen*
Amanda Timmen Mello**

Resumo: O presente estudo tem por foco a vitalidade linguística do Hunsrückisch (hunsriqueano) em contato com o português na área de difusão e uso dessa língua no Brasil, Argentina (Misiones) e Paraguai. Por meio de macroanálises pluridimensionais de dados do ALMA-H (Atlas Linguístico Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch – v. www.ufrgs.br/projalma), em uma rede de 44 localidades de pesquisa, analisou-se a dominância do português nos diferentes grupos de entrevista do projeto, conforme a geração de falantes (G1 = 18 a 36 anos; GII = acima de 50 anos) e sua escolaridade (Ca = com nível superior completo ou incompleto; Cb = até o nível secundário). A partir da mensuração do <grau de dominância do português no Hunsrückisch> em resposta à frase Cgraml_43 do questionário do ALMA-H, transpôs-se os resultados para o mapa, para verificar macrotendências em diferentes dimensões de análise. Observou-se, desse modo, que 1) na dimensão diageracional, em tempo aparente, ocorre um nítido aumento de marcas do português no Hunsrückisch da G1, denotando uma mudança em progresso na direção da substituição linguística; além disso, 2) na dimensão diastrática, a substituição pelo português dá mostras de aumento sobretudo na Ca, devido à maior escolaridade e conseqüente maior influência da escrita; 3) na dimensão diatópica, as tendências observadas refletem a ordem de ocupação (maior manutenção em áreas das chamadas colônias velhas do que em localidades das colônias novas), a matriz de origem regional dos imigrantes e a representatividade demográfica, que também é mais coesa e significativa nas áreas de ocupação inicial; por fim, 4) na dimensão diarreligiosa, não se observou a manutenção associada categoricamente à confissão luterana, como se afirma na literatura (Willems, 1940), e sim esse parâmetro se combina com os demais fatores mencionados. Soma-se a esses fatores o papel desempenhado pelo suporte tradicionalmente dado à língua alemã por meio da escola, igreja e imprensa, sobretudo na microárea das chamadas “colônias velhas” do Rio Grande do Sul, que explica processo de consolidação de uma vitalidade relativamente estável do Hunsrückisch, considerando os 200 anos de presença no Brasil.

Palavras-chave: Língua de imigração alemã; Hunsrückisch; contatos linguísticos; vitalidade linguística.

Zusammenfassung: Die vorliegende Untersuchung befasst sich mit der sprachlichen Vitalität des Hunsrückischen im Kontakt mit dem Portugiesischen in den Gebieten von dessen Diffusion und Gebrauch in Brasilien, Argentinien (Misiones) und Paraguay. Mittels pluridimensionaler Makroanalysen von Daten aus dem ALMA-H (Atlas Linguístico Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch - v. www.ufrgs.br/projalma) wurde in einem Netz von 44 Forschungspunkten die Dominanz des Portugiesischen in den verschiedenen Interviewgruppen

* Professor Titular da área de Língua Alemã do Instituto de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras, linha de pesquisa de Sociolinguística, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenador do macroprojeto ALMA (Atlas Linguísticos das Minorias Alemãs da Bacia do Prata), em parceria com Harald Thun (Univ. Kiel). cleo.altenhofen@ufrgs.br.

** Mestranda em Estudos da Linguagem (Sociolinguística) no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS (PPGLET/UFRGS). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Pesquisadora do macroprojeto ALMA. amanda.timel@gmail.com.

des Projekts nach der Generation der Sprecher (G1 = 18 bis 36 Jahre alt; GII = über 50 Jahre alt) und ihrem Bildungsniveau (Ca = vollständige oder unvollständige Hochschulbildung; Cb = bis zur Sekundarstufe) analysiert. Auf der Grundlage von Messungsverfahren zum <Grad der Dominanz des Portugiesischen im Hunsrückischen> als Antwort auf den Satz Cgraml_43 des ALMA-H-Fragebogens wurden die Ergebnisse auf die Karte übertragen, um Makrotendenzen in verschiedenen Dimensionen zu erkennen. So wurde festgestellt, dass sich 1. in der diagenationellen Dimension (also durch Apparent-Time-Vergleiche) ein deutlicher Anstieg der portugiesischen Elemente im Hunsrückischen der G1 verzeichnen lässt, was auf einen Wandel in progress hin zum allmählichen Verlust deutscher Merkmale hindeutet. Darüber hinaus ist 2. in der diastratischen Dimension eine zunehmende Präsenz portugiesischer Merkmale insbesondere in Ca zu beobachten, was auf eine höhere Schulbildung und den damit verbundenen größeren Einfluss der Schriftsprache zurückzuführen ist. 3. In der diatopischen Dimension spiegeln die beobachteten Tendenzen die Reihenfolge der Besiedlung (nämlich stärkere Beibehaltung in den Gebieten der so genannten alten Kolonien als in den Orten der neuen Kolonien) die regionale Herkunftsmatrix der Einwanderer und deren demografische Repräsentativität wider, die sich in den Gebieten der Erstbesiedlung ebenfalls kohärenter und bedeutsamer zeigt. 4. In der diareligiösen Dimension schließlich wurde der Erhalt des Deutschen nicht kategorisch mit den lutherischen Sprachgruppen in Verbindung gebracht, wie in der Literatur behauptet (Willems, 1940), sondern dieser Parameter erscheint mit anderen genannten Faktoren kombiniert. Hinzu kommt die Rolle der traditionellen Förderung der deutschen Sprache durch Schule, Kirche und Presse, vor allem im Gebiet der so genannten „alten Kolonien“ von Rio Grande do Sul, was den Prozess der Konsolidierung einer relativ stabilen Vitalität des Hunsrückischen in Anbetracht seiner 200-jährigen Präsenz in Brasilien erklärt.

Schlüsselwörter: Deutsche Einwanderungssprache; Hunsrückisch; Sprachkontakte; Sprachvitalität.

Introdução

O presente estudo tem por foco a vitalidade linguística do Hunsrückisch (pt. *hunsriqueano*) em contato com o português e demais línguas presentes em sua área de uso no Brasil e na Bacia do Prata. Trata-se, neste caso, de uma língua minoritária de imigração alemã, portanto de uma “modalidade de línguas ou variedades usadas à margem ou ao lado da língua oficial” (Altenhofen, 2013, p. 94) e, portanto, mais vulneráveis à manutenção ou perda linguística.

Considerando que a substituição de uma língua se dá de maneira lenta e gradual, afetando antes partes do que seu todo, há a necessidade de distinguir entre vitalidade linguística interna e externa. Por *vitalidade linguística externa* entende-se, neste artigo, a força de manutenção ou suscetibilidade à perda da língua enquanto entidade social e instrumento de comunicação e expressão da identidade dos usuários dessa língua. Seguem essa perspectiva estudos do campo da sociologia da linguagem, em que se diagnostica a vitalidade da língua em termos de estimativas de falantes, contextos de uso e significados sociais que assume, sem necessariamente distinguir a forma em que uma língua se apresenta. A *vitalidade linguística interna*, por outro lado, relaciona-se à manutenção ou perda das marcas inerentes ao sistema da língua,

portanto de sua configuração interna, a qual tende a ser paulatinamente ocupada por elementos exógenos provenientes das línguas e variedades em contato. Tal pode ser visto em uma gradação de pelo menos três estágios do contato linguístico:

1º) a apropriação de empréstimos linguísticos, ao nível da palavra;

2º) a realização de *code switching* (alternância de código), portanto de coocorrência das línguas/variedades, ao nível da frase;

3º) a substituição da língua-teto, ao nível das funções formais, como os usos escritos;

4º) a substituição linguística propriamente dita (*language shift* – Fishman, 2006), a qual, contudo, nem sempre resulta em um estado de língua totalmente isento de marcas do contato linguístico. Estas podem subsistir, por exemplo, em um “português de contato” (i.e., resultante do contato com outra língua), que se distingue do “português em contato”, tal como é falado por falantes nativos (Altenhofen; Margotti, 2011, p. 297).

A descrição desses processos segue as perspectivas sociolinguística, na sua relação com a sociedade, e geolinguística, na sua relação com o espaço. O presente estudo alinha-se a essa última perspectiva, de descrição do <grau de dominância do português> em correlação com diferentes dimensões de análise da variação e mudança linguística (Thun, 1998; Radtke; Thun, 1999) no conjunto da área de pesquisa do ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch – v. www.ufrgs.br/projalma). Entre as dimensões identificadas por Thun (1998), foram consideradas, para este estudo, além 1) da dimensão diatópica (rede de 44 pontos do ALMA-H e microrregiões do hunsriqueano), 2) a dimensão diatópico-cinética (da variação e mudança no processo migratório), 3) a dimensão diageracional, conforme a geração de falantes (GI = 18 a 36 anos; GII = acima de 50 anos), 4) a dimensão diastrática, que leva em consideração a escolaridade (Ca = com nível superior completo ou incompleto; Cb = até o nível secundário), bem como, por fim, 5) a dimensão diarreligiosa, que contrasta o comportamento linguístico de membros de comunidades católicas e luteranas.

Serviu de base à macroanálise nessas cinco dimensões o trabalho de conclusão de curso de Mello (2022), que mapeou e descreveu a presença do português no

hunsriqueano na frase da pergunta Cgraml_43 do ALMA-H,¹ levando em conta 128 entrevistas do projeto (v. Altenhofen; Thun, 2016). Seguindo o método da cartografia pluridimensional (Thun, 2010), fez-se o cruzamento das diferentes dimensões e correlacionou-se, com o auxílio de gráficos de frequência, os parâmetros que se mostram mais significativos. Através dessa cartografia, elaborou-se uma série de mapas que funcionam, pode-se dizer, como “lentes de raio X” da área, com as quais se pôde identificar macrotendências da variação e mudança linguística na rede de pontos e nos diferentes grupos sociais entrevistados (velhos/jovens; mais e menos escolarizados; católicos e luteranos). Para a variável analisada aqui, foi necessário, como se verá à frente, um procedimento de mensuração do <grau de dominância do português> em cada entrevista.

Visando uma sintetização das ideias, metodologia e análises feitas, divide-se o presente artigo em três partes essenciais. Inicialmente, dedica-se atenção à identificação de fatores definidores do Hunsrückisch como língua de imigração alemã, os quais podem exercer influência na variável em estudo. Em seguida, apresenta-se a metodologia de análise e mensuração do grau de dominância do português, a qual é aplicada na análise que se segue, em que se busca identificar as macrotendências de que se falou e que mostram a variação na vitalidade linguística interna do hunsriqueano.

Topodinâmica de ocupação do Hunsrückisch entre a matriz de origem e o novo meio

Os primeiros falantes da língua de imigração Hunsrückisch chegaram ao Brasil supostamente com as primeiras levas de imigrantes alemães, vindas a partir de 1824. Sua matriz de origem remete à região do Hunsrück e seu entorno na Renânia Central (Altenhofen, 1996). Situada entre os rios Reno e Mosela, essa região engloba as áreas dialetais do francônio-renano (ao sul, com centro no Palatinado) e do francônio-moselano (como o próprio nome já diz, mais ao norte, próximo ao Rio Mosela – v. idem, 1996).

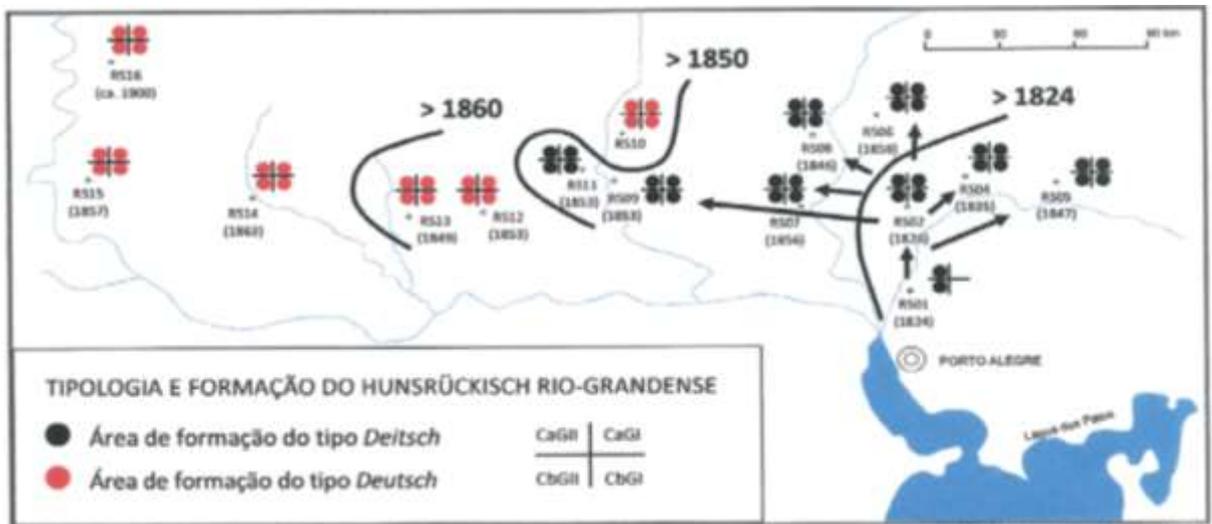
Entre 1824 e 1830, chegaram em torno de 5.000 imigrantes que se instalaram na antiga Colônia de São Leopoldo, no Vale dos Sinos (Hunsche, 1975). Esse novo meio

¹ A transcrição das entrevistas analisadas foi realizada em um grupo específico que teve a colaboração dos autores deste artigo e de duas queridas colegas de pesquisa (Cláudia F. Pavan e Júlia K. Fussieger). Queremos registrar nosso agradecimento e reconhecimento pela valiosa contribuição de cada um.

equivale ao que, hoje, se denomina de “colônias velhas” e que constitui o berço de formação do chamado “Hunsrückisch Rio-Grandense (Hrs.)” (Altenhofen, 2016), de onde se difundiu inicialmente para o seu entorno, principalmente no vale do Caí. A partir de 1850, portanto após a Revolução Farroupilha (1835-1845), quando se retomou o processo imigratório, excedentes dessas primeiras levadas migraram rumo ao Vale do Taquari e às terras ao norte do rio Jacuí, juntando-se a novos imigrantes vindos da Europa.

Estudos realizados no âmbito do ALMA-H têm apontado para a diferenciação de duas microáreas linguísticas do Hrs. que refletem respectivamente o alemão vindo com os imigrantes iniciais, entre 1824 e 1830, e os imigrantes vindos após 1850, a partir do Vale do Taquari, que constitui o limite de transição entre essas duas arealidades (fig. 1): a primeira (área a leste) mostra um grau de dialetalidade maior, e é por isso chamada de área *Deitsch*; a segunda (situada mais a oeste) caracteriza-se por apresentar marcas linguísticas mais próximas do standard; é por isso identificada nos estudos do ALMA-H como microárea do tipo *Deutsch* (Altenhofen, 2016).

Figura 1 – Formação das áreas *Deitsch* e *Deutsch* nas colônias velhas do Hunsrückisch rio-grandense



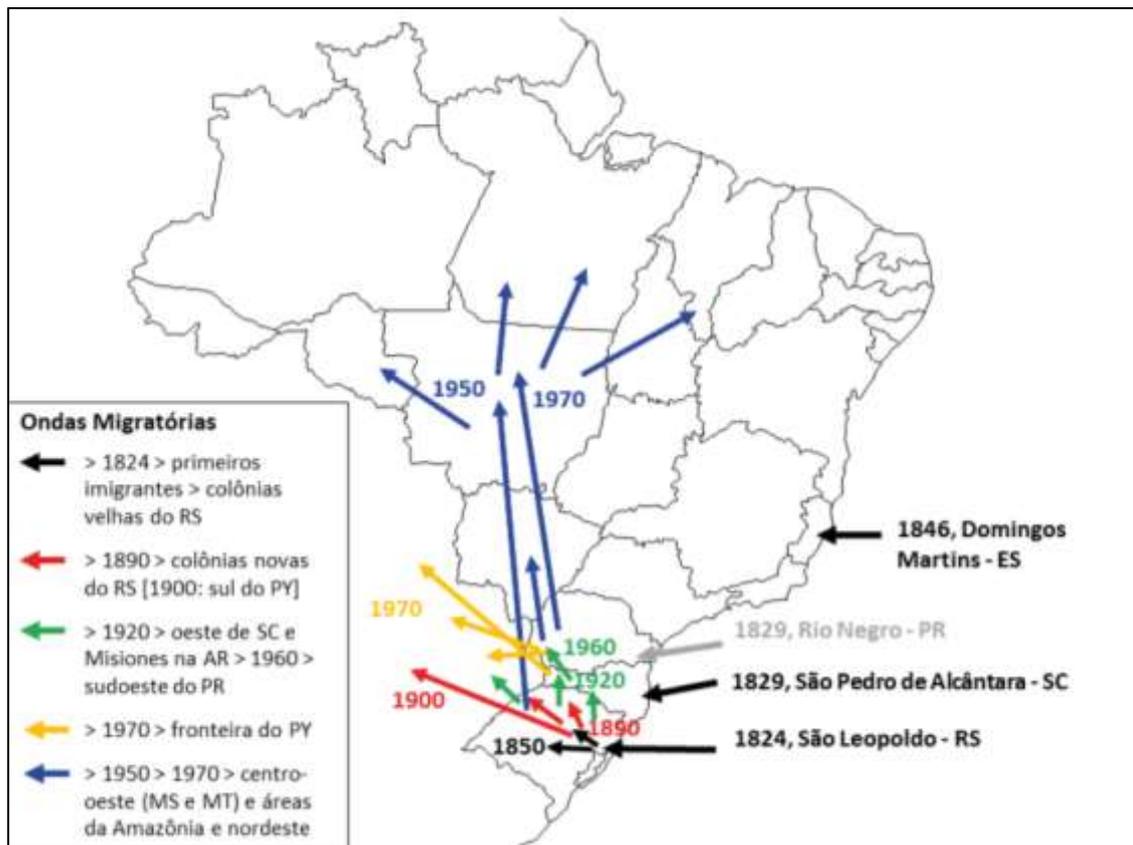
Fonte: Altenhofen, Morello et al. (2018, p. 70).

Além da imigração pelo Rio Grande do Sul, via Porto Alegre e São Leopoldo (RS01,² 1824), onde se inicia a difusão do Hunsrückisch rio-grandense (Hrs.), houve mais três portas de entrada de imigrantes da base dialetal de matriz hunsriqueana no Brasil, a saber: São Pedro de Alcântara (SC01, 1829), como núcleo de formação do Hunsrückisch Leste-Catarinense (Hsc.); Rio Negro (PR01, 1829), cujos imigrantes iniciais, devido ao isolamento e à não vinda imediata de novos imigrantes (*Zuwanderer*), acabaram se “acaboclando” ou assimilando a variedades de imigrantes posteriores; e Domingos Martins (ES01, 1846), em cujo entorno se encontram ainda resquícios do que tipologicamente constitui o Hunsrückisch do Espírito Santo (Hes.).³ Vale acrescentar que as migrações internas do Hrs. para as colônias novas do Rio Grande do Sul tiveram início em 1890, no começo da República, alcançando posteriormente o centro e oeste de Santa Catarina e Misiones, na Argentina, o sudoeste do Paraná e áreas do Paraguai, bem como áreas próximas à Amazônia, como o Mato Grosso (Altenhofen; Morello et al., 2018). O mapa da fig. 2 permite sintetizar as principais ondas migratórias dos teuto-riograndenses, especialmente de falantes do Hunsrückisch, nesse cenário de ocupação de novas terras.

² Por coerência e praticidade, usamos, aqui e na sequência, os códigos dos pontos de pesquisa do ALMA-H, com a sigla do estado ou país e o número de ordenamento equivalente à sua cronologia de fundação.

³ Ou *Hunsrückisch Espírito-Santense*, para manter a simetria da abreviatura Hes. (Altenhofen, 2016). Apesar de ainda não claramente descrito, o que se sabe, com base em depoimentos coletados de falantes, é que essa variedade contém possivelmente marcas do Hessisch, sugerindo que a matriz de origem desses imigrantes deve ter se estendido do Palatinado ao entorno a leste do médio-alemão.

Figura 2 – Migrações de falantes de Hunsrückisch e sua difusão no Brasil e demais áreas da Bacia do Prata



Fonte: Cléo Altenhofen (Projeto ALMA-H / UFRGS), 2018.

Tamanha dispersão de falantes por uma área tão extensa acarretou, naturalmente, os mais diversos contatos linguísticos e trocas interculturais. Esses contatos não foram apenas interlinguais, isto é, de variedades do alemão por exemplo com o português, o espanhol ou o guarani, mas também foram de natureza intervareital, como ocorreu de forma intensa desde o início da imigração. Além dos efeitos do contato moselano-renano na matriz de origem rio-grandense, contribuíram no processo de nivelamento linguístico do Hrs. pelo menos outras oito variedades de línguas de imigração alemã. Cite-se, por exemplo, o contato hunsriqueano, pomerano e boêmio em Nova Petrópolis (RS06), estudado por Habel (2022). Entretanto, é o contato com o Hochdeutsch local, que Altenhofen (2019, p. 534) considera uma “variedade onipresente”, que desempenhou o papel mais determinante, como se observa em cartas manuscritas, quando, mesmo com domínio parcial, os escreventes utilizam essa norma como “ideal ao qual tentam se aproximar”. Contatos interdialetais, ou intralinguais, como esses explicam a força de difusão do Hunsrückisch como variedade equivalente ao que se percebeu como mais próximo do standard, na oralidade, por essa razão

eleita para a função de *Mittelfeldsprache* (pt. “língua de intermediação”) entre as diversas variedades de dialetos em contato e a norma padrão (Altenhofen, 2019, p. 533). Os relatos de falantes de outras variedades referindo-se ao Hunsrückisch como “Hochdeitisch” comprovam essa percepção.

Ressaltam-se ainda os contatos interlinguais do Hunsrückisch com línguas originárias indígenas e de origem afro-brasileira, bem como com o português e o espanhol. Inicialmente, as comunidades de falantes alóctones se desenvolveram no Brasil isoladas do português e das demais línguas presentes no país, constituindo-se a partir dos contatos interdialetais mencionados acima e se desenvolvendo como uma estrutura independente e autossuficiente (Spinassé, 2008). No entanto, as migrações internas, a necessidade de adaptação religiosa, as relações comerciais com falantes de fora, as políticas linguísticas de assimilação do português, assim como a difusão de membros dessas comunidades para centros urbanos maiores foram alguns dos fatores que contribuíram para o ingresso de línguas exógenas, em especial o português e o espanhol, no cotidiano dos imigrantes.

A influência românica no Hunsrückisch, que se propõe analisar aqui, pode ser percebida hoje na língua através de neologismos, empréstimos, alterações semânticas e sintáticas e *code switching*. Ao nível da variedade, pode-se dizer, o que foi substituído antes de tudo foi a função de língua-teto (*Dachsprachenwechsel* – Altenhofen, 2016), como norma escrita para as funções formais. Vale lembrar que a substituição linguística completa dá-se, conforme já se expôs, de forma lenta e gradual (Altenhofen; Morello et al., 2018). A identificação das marcas de influência e presença do português no Hunsrückisch reconstrói, nesse sentido, o percurso histórico dos contatos crescentes da língua de imigração com o português e seu impacto no desenvolvimento do hunsriqueano.

Línguas em contato: vitalidade, substituição da língua-teto e *language shift*

Os contatos linguísticos desempenham papel central na variação e “surgem como resultado natural de um movimento de imigração ou de migrações internas, que, via de regra, implica uma transposição de um contexto sociocultural e político a outro e, conseqüentemente, uma mudança de *status* social e político” (Altenhofen; Margotti, 2011, p. 290). Em geral, pode-se postular que todo uso linguístico implica um contato entre variedades, ou melhor, entre repertórios linguísticos distintos. Mas, se, na relação face à face, portanto de ordem microlinguística, se costuma empregar o termo *interação*,

é sensato que reservemos o termo *contato* para as trocas ao nível macrolinguístico, portanto entre comunidades e sistemas linguísticos coletivos.

Em relação ao Hunsrückisch, sabe-se que seu uso se manteve especialmente na interação familiar. No plano mais amplo, das comunidades de fala e mesmo em celebrações tradicionais, o espanhol e, principalmente, o português surgiram como necessidade social de adaptação e busca por pertencimento ao novo meio. Pode-se dizer, a partir disso, que se instaura no contato linguístico uma espécie de “queda de braço” que traduz a ambiguidade entre, de um lado, manter a língua minoritária e, de outro, apropriar-se/adotar os padrões de fala da língua definida como oficial. Essa ambiguidade fragiliza ou compromete, naturalmente, a “vitalidade linguística” da língua minoritária e a coloca no dilema entre assumir um comportamento duplo, representado pelo plurilinguismo e suas diferentes formas de manifestação (como, por exemplo, a alternância de código), ou de ser substituída definitivamente pela língua dominante e oficial (*language shift*).

No caso do Hunsrückisch, a substituição da língua-teto, conforme já aludimos, configurou o primeiro estágio desse processo, colocando no lugar da norma escrita do alemão o português como variedade de referência em situações formais. Pode-se citar como exemplo dessa substituição a comparação das habilidades de leitura em alemão de falantes mais velhos e mais jovens. Em contrapartida, a substituição linguística, ocorrendo de forma lenta e gradual, atinge antes partes do que o todo. E são as partes dessa substituição que apontam o que designamos como “vitalidade linguística interna”. Para identificar as macrotendências de manutenção ou perda de marcas do Hunsrückisch nos dados analisados, nos colocamos, por isso, diante da tarefa de ter que mensurar o grau de dominância do português.

Base de dados e método de mensuração do grau de dominância do português no Hunsrückisch

A pergunta Cgraml_43, cujas respostas fundamentaram a análise feita para este estudo, equivale à seguinte frase: “*Hier wird das Brot noch von uns selbst gebacken. Es wird schließlich gar nicht alles gegessen*” (pt. “Aqui o pão é feito por nós mesmos. No fim, nem é tudo comido.”). Sua aplicação, nas entrevistas do ALMA-H, usou como método a tradução da frase do alemão *standard* para o Hunsrückisch. Nos casos em que havia dificuldade de compreensão, o entrevistador podia recorrer, quando necessário, ao equivalente em português. As respostas dos informantes foram gravadas em áudio e posteriormente etiquetadas e recortadas em arquivos no formato .wav, os

quais foram lincados no arquivo Excel, onde foi feita a transcrição e cartografia, facilitando ao mesmo tempo a oitiva dos áudios, para controle e revisão.

É preciso ressaltar que a pergunta/frase, assim como todo o questionário do ALMA-H, foi aplicada em cada entrevista, tendo em mente os seguintes princípios e critérios de ordenamento:

1º) pluridimensionalidade da análise: para cada um dos 44 pontos de pesquisa, foram previstas quatro entrevistas com representantes dos quatro perfis sociais a seguir, equivalentes às dimensões diageracional e diastrática. Os parâmetros definidores de cada grupo de informantes seguiram o critério de oposição binária, para captar contrastes e diferenças que realmente possam ser atribuídas a esse fator (geração ou escolaridade). A disposição em cruz (quadro 1) orienta-se pelo eixo do tempo (mais velhos para os mais jovens, da esquerda para a direita) assim como pelo eixo da escolaridade e conseqüente estrato social (com menor ou maior escolaridade, no sentido de baixo para cima).

Quadro 1 – Grupos de informantes nas localidades de pesquisa do projeto ALMA-H

<p>CaGII</p> <p>[homens e mulheres com mais de 50 anos] [+ escolaridade: nível superior]</p>	<p>CaGI</p> <p>[homens e mulheres de 18 a 36 anos] [+ escolaridade: nível superior]</p>
<p>CbGII</p> <p>[homens e mulheres com mais de 50 anos] [- escolaridade: nível básico]</p>	<p>CbGI</p> <p>[homens e mulheres de 18 a 36 anos] [- escolaridade: nível básico]</p>

Fonte: Adaptado do site do projeto ALMA-H (2017).

2º) pluralidade simultânea de informantes: em cada grupo de entrevista buscou-se reunir pelo menos dois informantes, sendo um masculino e outro feminino. Essa mescla teve por motivação proporcionar uma futura análise da possível variação diagenérica – algo ainda não considerado, já que levar em conta mais essa dimensão duplicaria o número de entrevistas, o que sobrecarregaria o modelo. Na pluralidade de informantes, vale destacar, os informantes “se complementam e se corrigem entre si, de modo que o inquiridor pode registrar, além das divergências, também o consenso” (Radkte; Thun, 1999, p. 43). Com isso, garante-se uma segurança maior das respostas, aumentando a representatividade dos dados, visto que a

convergência ou divergência das respostas oferece uma fotografia (ou, como quer Thun, 2010, um filme) mais fiel do padrão de fala de cada grupo entrevistado.

3º) entrevistas na língua-alvo da pesquisa: sendo realizada em Hunsrückisch, a entrevista propiciou uma espontaneidade maior na fala dos informantes, além de levar a uma conversa de fato livre e aberta sobre os tópicos abordados, sem excluir eventuais divergências no uso de determinadas variantes. Isso não impedia de os próprios entrevistadores se adequarem à situação comunicativa, quando por exemplo algum informante recorria ao português, visto que se buscou não apenas fomentar a espontaneidade, mas a naturalidade da interação plurilíngue, inevitável em um contexto de contato linguístico como o do Hunsrückisch.

4º) uso da técnica em três tempos (Thun, [2005] 2017): ao perguntar + insistir + sugerir, fomentou-se o uso do Hunsrückisch e a espontaneidade da interação, pois o entrevistador se colocava como um aprendiz, e os informantes se viam não como pessoas testadas sobre seus conhecimentos, e sim como colaboradores da pesquisa, visto que passava por eles o “veridito” sobre o que ainda é usado (uso ativo), conhecido (conhecimento passivo, ainda lembrado, porém em relativo desuso) ou já desconhecido.

Para exemplificar o resultado da aplicação desses princípios e critérios, veja-se a seguir uma amostra de entrevista com uso da pergunta analisada:

32

<Pergunta, I> do entrevistador: Hier wird das Brot noch von uns selbst gebacken.

Informante mulher f1: Mia backe selbst das Brot ((risos)).

Inf. f2: Mea backe selwer 'n de' Brot ((risos)).

<Insistência> do entrevistador: Ia, awer hier wird das Brot...

Inf. f1: Hier wedd!

Inf. homem m1: Hier werdd das Brot selbst gebackt.

Inf. f1/2: Hier wedd das Brot selwer (:) selwer gebackt.

Inf. f2: Selbst gebackt.

<Sugerência> do entrevistador: selbst oder selwer?

Inf. f1: selwer, selbert gebackt.

<Pergunta, II>: Es wird schließlich gar nicht alles gegessen.

Inf. f1: (::) das wedd net alles ge-...

Inf. f2: net alles gess.

Inf. f1: net alles gess.

<Insistência>: no fim, nem vai ser tudo comido.

Inf. f2: Das wedd... noch net alles gess.

Inf. f1: Wedd net alles gess.

<Insistência>: Iá, dea seht *alles* wedd; gibt's're, wo annerste soohn?
(sem resposta)

<Sugerência>: Anstatt wedd gebackt oder wedd gess, gibt gebackt?

Inf. f1: gibt gess tem gente que fala.

Inf. f2: Tem gente que fala...

<Insistência>: Es wedd alles...

Inf. f2: Alles gess.

<Insistência>: *Gibt* gebackt schon mo geheert?

Inf. f1/2: *lo!?* *gibt* geback wedd ooch schon...

Inf. f2: Se usa, ia.

(Entrevista do ALMA-H, RS06 – Nova Petrópolis, grupo CaGII, perg. Cgraml_43).

O excerto acima deixa margem para uma série de observações sobre a espontaneidade da entrevista e o repertório linguístico que é mobilizado. Vale destacar como, na primeira tradução, f1 e f2 se atêm ao conteúdo da frase de tal maneira que chegam a rir da frase. Suas variantes parcialmente distintas (*mia / mea* ‘nós’; *selbst / selwer* ‘próprios’; além do gên. de *Brot* ‘pão’) comprovam que não se sentem influenciadas uma pela outra. Tanto se atêm à informação referencial expressa pela frase que usam o verbo *backen* ‘assar’ no presente. Na insistência, o entrevistador busca completar a informação em voz passiva, prevista na frase em alemão standard, dada como estímulo. Não fosse essa insistência, não se teria a informação sobre a pronúncia do auxiliar *wird*, pronunciado como *wedd*. Um informante m1 chega a usar uma variante mista – *werd* – que carece de interpretação, pois é incomum e tende mais a uma hipercorreção com *wird*, dada a manutenção de /r/ diante da oclusiva dental. Isso denota certa perda da percepção do que seja mais próximo do que a frase em alemão standard sugere. A pluralidade de informantes, entretanto, assegura, pelas repetições e consenso do grupo de informantes, que a variante usual dominante de CaGII de RS06 para uso do auxiliar da voz passiva é, de fato, *wedd*. Graças, porém, à sugestão de *gibt*, tem-se a informação de que também é de conhecimento (passivo) do grupo e, se não foi mencionada espontaneamente, significa que se encontra em vias de cair em desuso e ser substituída por *wedd*. Em suma, a eficácia da técnica em três tempos se justifica, acima de tudo, por permitir ao entrevistador captar o espectro variacional inteiro do informante que, de outra forma, ficaria com lacunas, não apenas sobre o uso ativo ou passivo de variantes em questão, como também confirmando o seu desconhecimento ou não-uso.

Tendo por base esse tipo de amostra de dados, em que se têm não apenas as respostas efetivas, mas também uma quantidade significativa de conversa espontânea, na qual essas respostas aparecem inseridas, propomos o conceito de “dominância” – que Weinreich (1974 [1953]) já usou em uma perspectiva bilíngue – para designar em que medida a língua em contato domina o repertório linguístico do informante. Sua implementação na análise de dados de fala plurilíngue depende de um método seguro e controlável para mensurar o grau de dominância do português nos dados utilizados. Nesse sentido, foi elaborada uma forma de medição baseada no método descrito por

Herrgen e Schmidt (1989) na análise de dados do *Mittelrheinischer Sprachatlas* (MRhSA).

Herrgen e Schmidt (1989) propõem um método de mensuração da dialetalidade de uma variante (al. *Dialektätsmessung*) baseado no somatório de pontos atribuídos a cada variante, e que resulta em determinado *Dialektalitätswert* (*D-Wert*) (pt. “valor de dialetalidade”) para o segmento analisado. O sistema de pontuação elaborado para a análise dos dados deste estudo seguiu a mesma linha de raciocínio, apesar de sofrer uma adaptação e simplificação. Para chegar a valores “mapeáveis” do grau de dominância do português no Hunsrückisch de cada entrevista analisada, foram fixados quatro critérios, aos quais se atribuiu as seguintes pontuações:

- a) Necessidade de repetição da pergunta pelo entrevistador, como indicador em potencial de “incompreensão relativa” de determinada palavra da frase: <F/rep> = 0,5 ponto;
- b) Necessidade de tradução da pergunta para o português pelo entrevistador, pelo mesmo motivo: <F/pt> = de 0,5 a 1,0 ponto (ocorrência e recorrência);
- c) Hesitações e pausas nas respostas dos informantes: <HP> = 0,5 ponto;
- d) Ocorrência de *code-switching* na fala dos informantes: <CS> = de 0,5 a 2,0 pontos (conforme a frequência de alternâncias).

34

Os critérios estabelecidos partem do pressuposto de que a perda aparente de competência em alemão⁴ ou, vice-versa, a presença mais forte do português na fala dos informantes, sinaliza um maior grau de dominância do português e, conseqüentemente, uma perda relativa da vitalidade linguística do Hunsrückisch. Essa perda de vitalidade linguística associada a um maior grau de dominância do português pode, assim, ser um indício de substituição linguística em curso.

Feita a mensuração do <grau de dominância do português no Hunsrückisch>, procedeu-se à macroanálise pluridimensional desses valores em cada entrevista da rede de pontos do ALMA-H. Inicialmente, atribuiu-se uma escala de símbolos para cada valor medido. Em seguida, conforme o sistema de cartografia do ALMA-H, esses valores/variantes foram mapeados e correlacionados em diferentes tipos de mapas, iniciando pelo mapa pluridimensional, que dá uma visão geral dos quatro grupos (CaGII, CbGII, CaGI, CbGI) na rede de pontos do atlas; o mapa diageracional, que

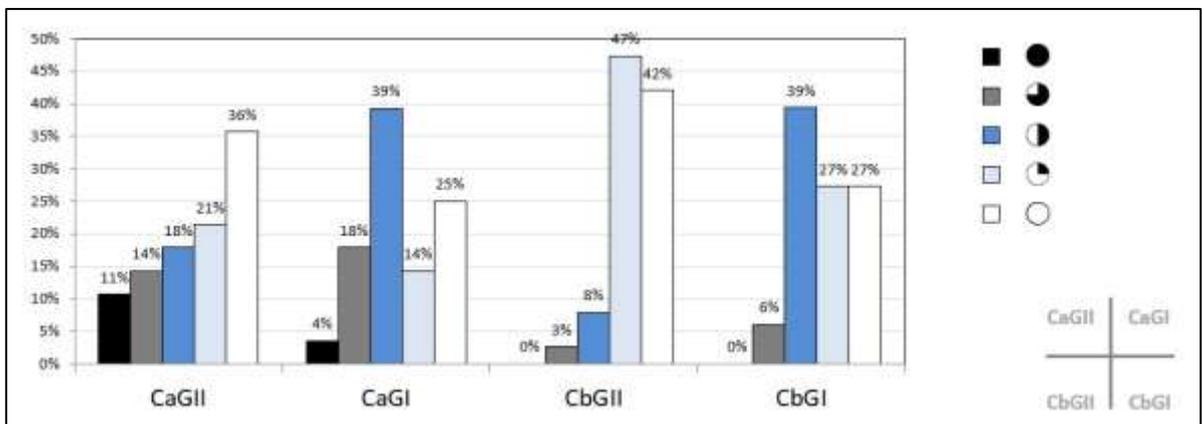
⁴ Entenda-se “alemão” aqui como as variedades do Hunsrückisch contempladas pelo banco de dados do ALMA-H e faladas pelos informantes em cada ponto de inquérito.

seguinto a técnica de entrevista em três tempos: respostas espontâneas à pergunta inicial; respostas após insistência do entrevistador; e, concluindo, sugestões (aceitas ou não).

Macroanálise pluridimensional: em busca de “pistas” gerais

A análise pluridimensional, com os dados apresentados em cruz, para sobrepor as dimensões diageracional e diastrática sobre a base diatópica da rede de 44 pontos de pesquisa, constitui a primeira “glotografia” para identificar tendências na variação linguística do Hunsrückisch. Como os demais mapas, segue o formato ponto-símbolo, sendo que a escala de símbolos do ALMA-H é representada por uma gradação de preenchimento do círculo, na qual maior preenchimento marca a presença de maior grau de dominância do português no Hunsrückisch, conforme a pontuação que se definiu para mensurar essa variável. O gráfico de frequência serve, nesse sentido, para auxiliar na leitura da distribuição desses graus no eixo horizontal da rede de pontos do mapa. Dois comportamentos chamam a atenção em uma primeira observação do gráfico de frequência apresentado abaixo (graf. 1), um de ordem diageracional e um de ordem diastrática.

Gráfico 1 - Gráfico de frequência do mapa pluridimensional



Fonte: Mapa [ALMA-H] Cgraml_43_dominância de Pt (2022).

A primeira observação é que os graus máximos de dominância do português (com valor = 4,0) ocorrem, como foi esperado, nos grupos mais escolarizados, respectivamente 11% e 4% em CaGII e CaGI, e é inexistente nos grupos Cb. Nesses, predominam os valores menores, barras para os valores < 1,5 e = 0,0) com percentuais de 27% entre os jovens CbGI e acima de 42% e 47% entre os mais velhos. Um olhar sobre a dimensão diageracional mostra, além disso, a forte ocorrência de graus

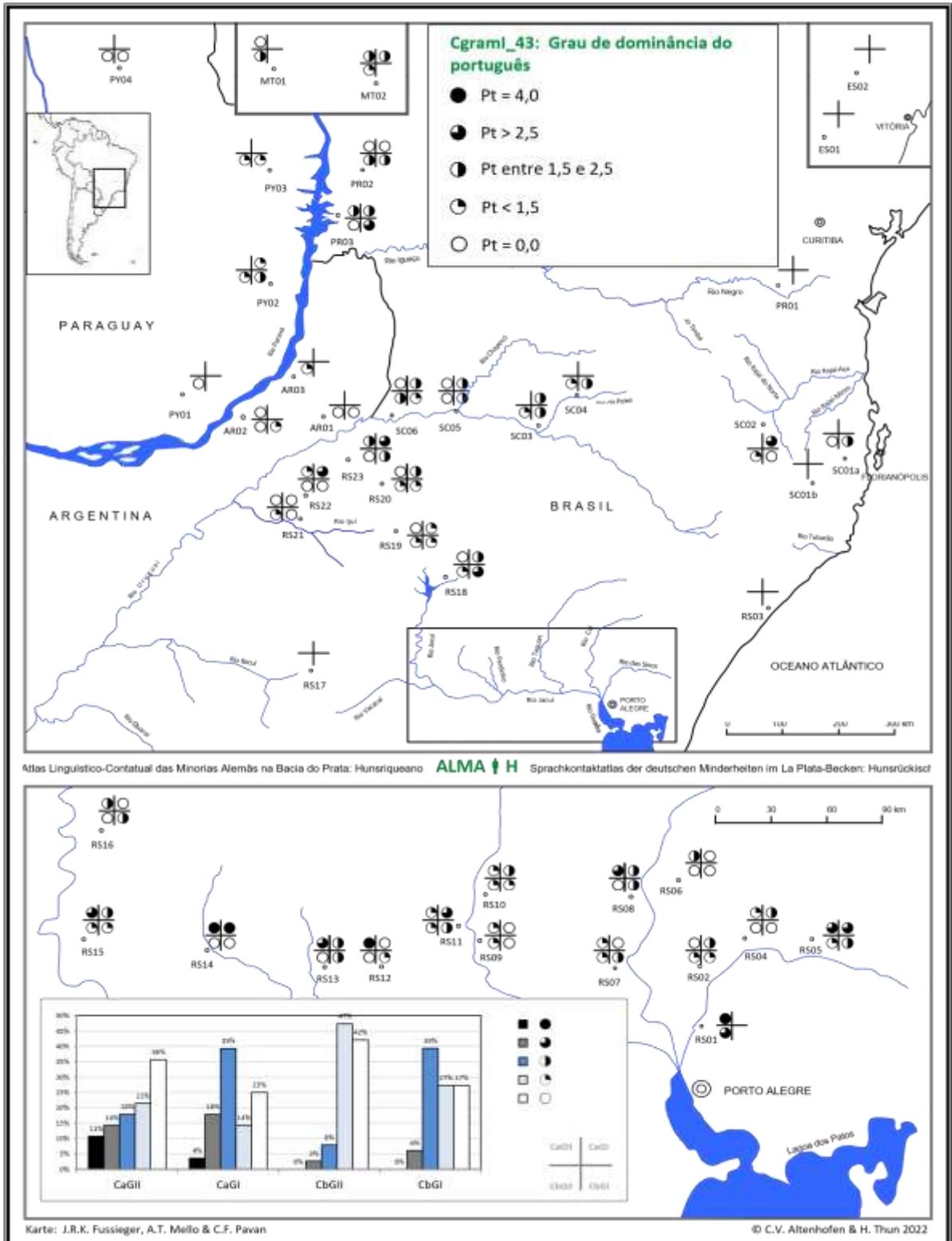
intermediários de dominância do português nos grupos GI (39% em CaGI e CbGI, colunas azul-escuras), enquanto graus mais baixos de dominância se sobressaem nos grupos GII (21% e 36% em CaGII e 47% e 42% em CbGII, colunas azul-clara e brancas). Essas frequências sugerem uma maior oscilação na fala dos jovens entre o português e o alemão, ainda que ela apareça de certa forma equilibrada. Por outro lado, a geração mais velha aparenta ter uma estabilidade maior do alemão.

A análise distributiva, no plano diatópico (v. mapa 1, próx. pág.), mostra, em contrapartida, uma vitalidade maior do alemão, na área *Deitsch*, que engloba as colônias de ocupação mais antiga. Isso pode soar paradoxal, tendo em vista o tempo transcorrido desde a instalação dos imigrantes nesse novo meio. Parece, contudo, que as condições sociais e históricas, na época da chegada dos primeiros imigrantes, assim como a relativa homogeneidade étnico-demográfica e o suporte institucional que a língua alemã recebeu aí, por meio da educação, da religião e da imprensa, favoreceram a vitalidade linguística externa do alemão e, conseqüentemente, a manutenção de marcas linguísticas [+ dialetais] no Hunsrückisch falado nessa área. Isso, por sua vez, pode ter favorecido uma atitude mais conservadora em relação à língua. RS01 e RS05,⁵ no entanto, surgem como uma exceção. A concentração de índices elevados de dominância do português nesses pontos tem a ver com a sua formação e heterogeneidade demográfica, como pontos mais urbanizados e mais próximos de áreas de ocupação lusa. Com a migração para as colônias novas (pontos a partir de RS17),⁶ transfere-se um estado de língua construído entre 1824 e 1890, nas microáreas *Deitsch* e *Deutsch*, porém se perde boa parte do suporte institucional que as comunidades de língua alemã tinham à disposição nessas áreas iniciais. O mapa mostra, de maneira geral, um acréscimo de dominância do português entre jovens (símbolos à direita da cruz), na área das colônias novas do Hrs.

⁵ RS01 – São Leopoldo e Novo Hamburgo, a partir de 1824; e o ponto RS05 – Igrejinha, fundado em 1847.

⁶ No ponto RS17 – São Pedro do Sul (início em torno de 1865), de localização muito exposta à influência lusa, não encontramos mais falantes de Hunsrückisch. Contrariamente, seu correlato situado na rota mais a norte, RS18 – Selbach (início em 1906), funcionou como uma espécie de entreposto no caminho para as colônias que se seguiram até a região das Missões. Isso mostra que o fluxo migratório – da vinda de novos migrantes (*Zuwanderer*) – favoreceu também aqui a manutenção da vitalidade linguística do alemão, razão por que ainda encontramos falantes para os quatro grupos de entrevista.

Mapa 1 – Mapa pluridimensional para a variável <grau de dominância do português no Hunsrückisch>



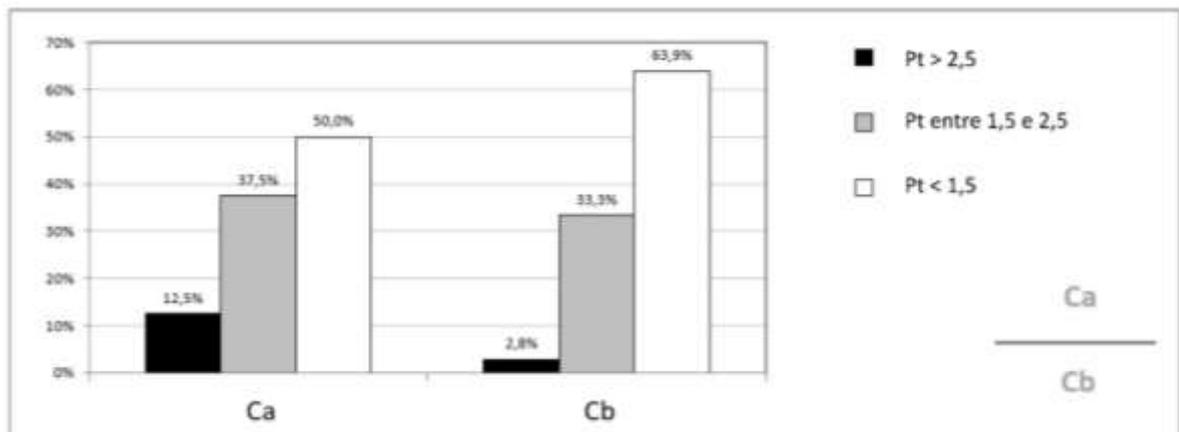
Fonte: Mapa [ALMA-H] Cgraml_43_dominância de Pt (2022).

Como se vê, a sobrecarga de informação contida no mapa pluridimensional dificulta sua leitura e interpretação. Mesmo assim, oferece uma primeira incursão para analisar hipóteses e identificar tendências possíveis no comportamento dos quatro grupos sociais nos diferentes pontos e arealidades. Vejamos, na sequência, o que mostra a análise de cada dimensão em particular.

Dimensão diastrática: o papel da escolaridade

Analisando o gráfico da dimensão diastrática (Gráfico 2), fica ainda mais evidente a tendência já observada acima de um grau maior de dominância do português no Hunsrückisch da Ca do que ocorre na Cb que, pelo contrário, sustenta uma vitalidade maior do alemão.

Gráfico 2 – Gráfico de frequência do mapa diastrático

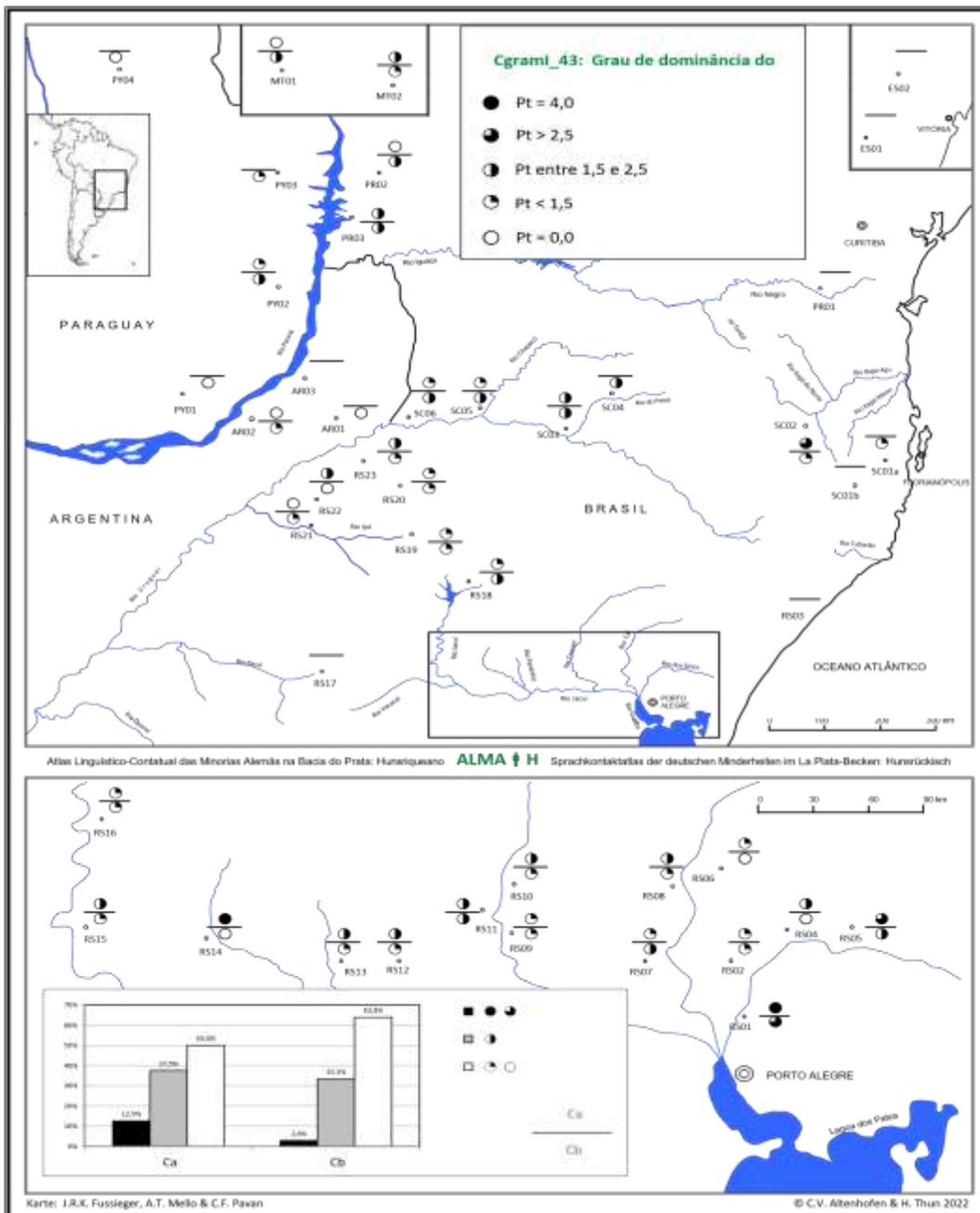


Fonte: Mapa [ALMA-H] Cgraml_43_dominância de Pt (2022).

A maior presença do português no Hunsrückisch de falantes da Ca (com 12,5% de $Pt > 2,5$) tem relação, sem dúvida, com a escolaridade e conseqüente maior influência da escrituralidade. Esse índice contrasta com os resultados de dominância baixa do português ($< 1,5$) no grupo Cb, equivalente a 63,9%. Isso se deve, certamente, a um uso do Hunsrückisch mais restrito às relações sociais do dia a dia, sobretudo no domínio da família. Mas, mesmo o índice de 50% entre os falantes Ca já pode ser considerado alto, mostrando em termos gerais uma relativa estabilidade do Hunsrückisch em relação a sua vitalidade linguística, independente da escolaridade. Contudo, as colunas de cor cinza, referentes à frequência do grau intermediário de dominância, podem sinalizar para uma normalização da coocorrência de elementos do português no sistema do Hunsrückisch e, assim, representar um sinal de mudança em progresso, como aliás se verá na dimensão diageracional.

Por outro lado, a análise distributiva dos valores de dominância do português no mapa 2 (próx. pág.) atesta que, na comparação entre as diferentes microáreas, não se observam tendências claras na diatopia. Na dimensão diastrática, porém, o que pesa para a variável em estudo parece estar, em geral, ligado ao nível de escolaridade dos falantes, independente da microárea do Hunsrückisch em que se encontram.

Mapa 2 – Mapa diastrático para a variável < grau de dominância do português Hunsrückisch >



Fonte: Mapa [ALMA-H] Cgraml_43_dominância de pt (2022).

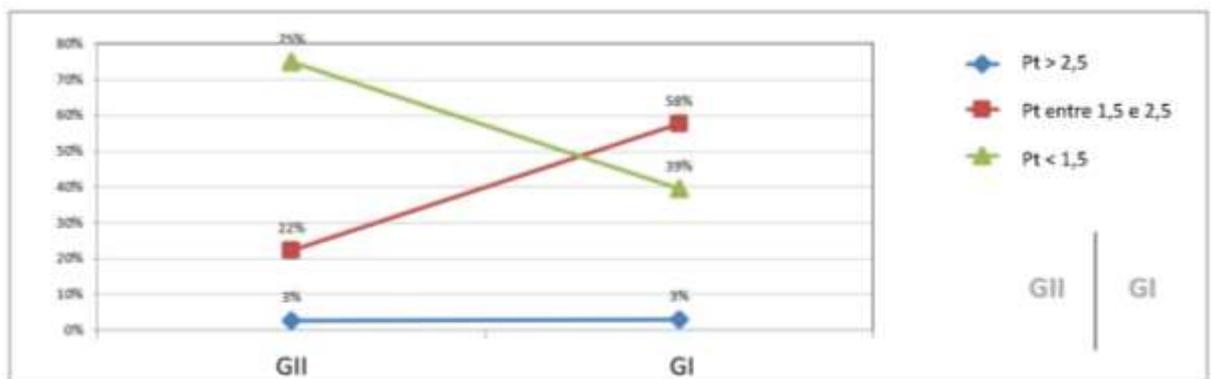
Dimensão diageracional: análise em tempo aparente da vitalidade linguística

Detendo-nos na análise da variação diageracional, confirmamos novamente o que foi observado no gráfico de frequência do mapa pluridimensional, porém de forma mais clarividente. Conforme abordado, o português ampliou progressivamente seu domínio nas comunidades de imigrantes ao longo dos anos, de forma que a geração mais jovem já bem cedo, desde a infância, está exposta ao seu uso, diferente do que ocorreu com boa parte dos falantes da geração mais velha. Nesta, com relativa frequência, há informantes que afirmam ter ingressado na escola sem saber português, falando em casa, com a família, apenas o alemão. Além disso, o grupo G1 tem hoje um maior acesso ao português, impulsionado pela urbanização e pela mídia, através do mundo digital, o que se distingue da experiência vivida pela GII, quando era jovem.

Essa maior presença do português nas comunidades de falantes de Hunsrückisch evidencia uma mudança em curso, de substituição gradativa do Hunsrückisch pelo português, na comparação em tempo aparente dos índices da GII para a G1. O Gráfico 3 comprova essa tendência. A dominância do português pula de 22% na GII para 58% na G1, e a vitalidade linguística do Hunsrückisch, contrariamente, cai de 75% na GII para 39% na G1, apesar da estabilidade nos valores de pico acima de 2,5.

41

Gráfico 3 – Gráfico de frequência do mapa diageracional

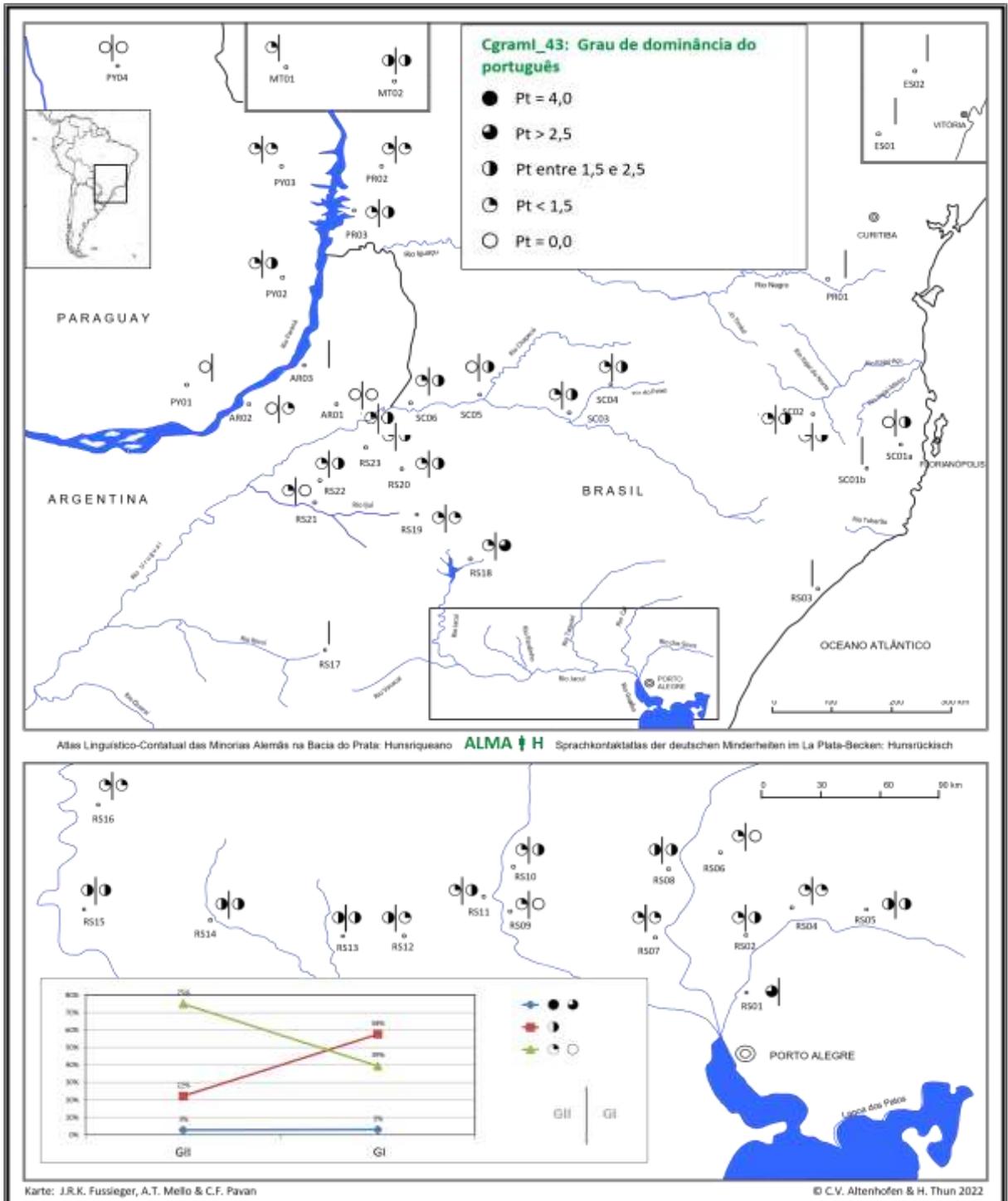


Fonte: Mapa [ALMA-H] Cgraml_43_dominância de Pt (2022).

Quando procedemos à análise diatópica do mapa 3 (próx. pág.), novamente se observa uma variação generalizada, independente da área, atrelada mais às condições locais de cada ponto de pesquisa. De modo geral, se confirma o crescimento da dominância na G1 (símbolos mais escuros à direita). O que, portanto, se sobressai, na dimensão diatópica em correlação com a variação diageracional, é uma vitalidade

interna significativa nos pontos da área hispanófono, contra uma vitalidade externa menor, em pontos de áreas laterais, visto que aí não foram encontrados informantes, sobretudo para o grupo jovem (como em RS01, PY01 e MT01).

Mapa 3 – Mapa diageracional para a variável <grau de dominância do português Hunsrückisch>

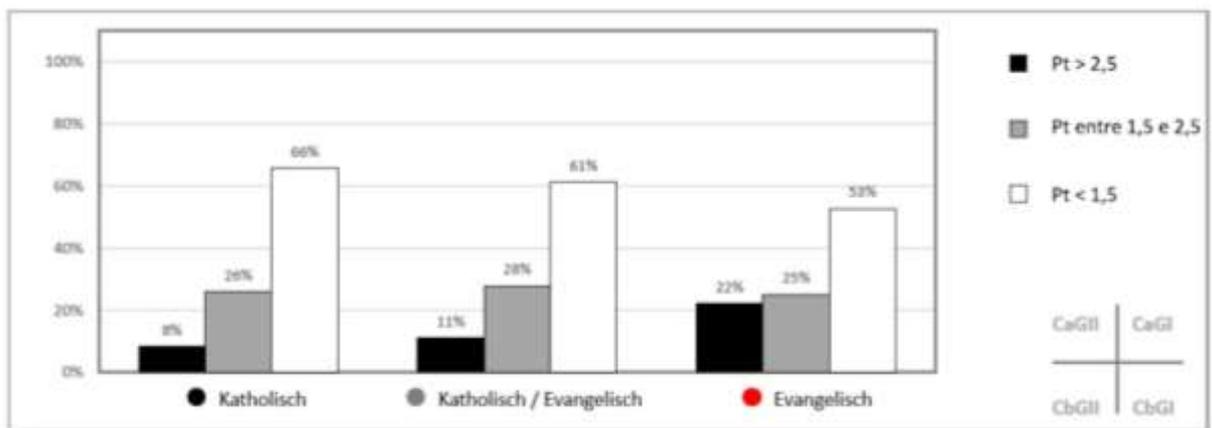


Fonte: Mapa [ALMA-H] Cgraml_43_dominância de Pt (2022).

Dimensão diarreligiosa: variação atrelada ao comportamento de católicos e luteranos

Ao observarmos o gráfico de frequência da dimensão diarreligiosa (Gráfico 4), notamos uma dominância maior do português entre os evangélicos luteranos, que apresentam mais do que o dobro da frequência dos católicos para o grau mais alto de dominância (22%, coluna preta); ao mesmo tempo, os católicos mostram a maior frequência, entre os três grupos, do grau de dominância menor que 1,5 (66%, coluna branca), indicando uma maior vitalidade do Hunsrückisch. Esses valores são uma surpresa para nós, pois há a hipótese corrente na literatura (cf. Willems, 1940) de que os evangélicos luteranos mantêm mais a língua alemã, além de fazerem uso de um alemão [+ próximo do standard], devido à relação maior dos luteranos com a cultura alemã (bíblia, Lutero etc.).

Gráfico 4 – Gráfico de frequência do mapa diarreligioso



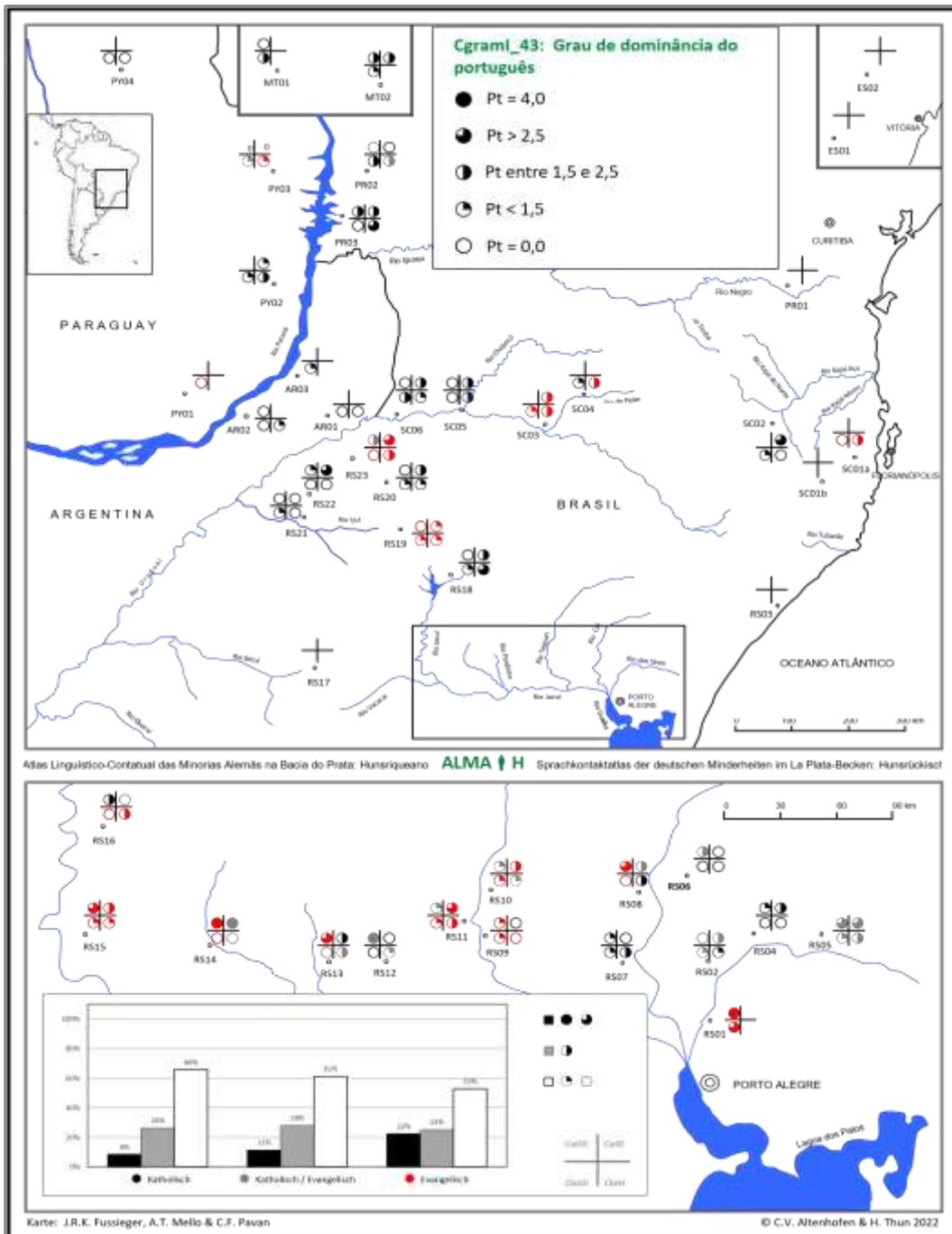
Fonte: Mapa [ALMA-H] Cgraml_43_dominância de Pt (2022).

Os resultados, ao menos no que diz respeito à dominância do português no Hunsrückisch dos falantes evangélicos do ALMA-H, mostra o contrário. Isso pode estar associado à maior presença de católicos na rede de pontos da área *Deutsch*, mesmo predominando aí comunidades confessionalmente mistas, assim como também em pontos das colônias novas, onde predominam comunidades confessionalmente homogêneas (v. Altenhofen, 2016). Isso pode ser comprovado pelo mapa 4 (próx. pág.).

Analisando o mapa abaixo, da dimensão diarreligiosa, o que parece servir de justificativa para os dados obtidos no gráfico parece estar vinculado muito mais à influência diageracional e, diferente das outras dimensões analisadas até aqui, também à dimensão diatópica. É possível observar que o maior contingente de falantes

evangélicos (entrevistas marcadas em vermelho) concentra-se na área *Deutsch*, a qual, como já observamos anteriormente, apresenta uma concentração de graus elevados de dominância do português; nas colônias novas. Ainda que os grupos evangélicos não se destaquem tanto nessa área como na área *Deutsch*, sua ocorrência coincide com os grupos GI, que, como vimos na análise da dimensão diageracional, também apresentam os graus mais elevados de dominância do português.

Mapa 4 – Mapa diarreliigioso para a variável <grau de dominância do português Hunsrückisch>



Fonte: Mapa [ALMA-H] Cgraml_43_dominância de pt (2022).

Considerações finais

Viu-se que, de modo geral, o que se observou no gráfico e no respectivo mapa pluridimensional (v. gráfico 1 e mapa 1) não apenas complementou, como também reforçou as conclusões apontadas nas quatro dimensões de análise selecionadas. O contato interlingual entre o Hunsrückisch e o português brasileiro mostrou sua relevância nos mapas analisados, tanto pelos quatro critérios de pontuação utilizados para sua confecção, envolvendo elementos indicadores das marcas de influência do português na fala dos informantes, bem como da ocorrência de *code-switching*, como pelos dados obtidos de seus resultados finais. Vemos que 1) os maiores graus de dominância do português se encontram nos grupos das gerações mais jovens e mais escolarizadas; 2) as áreas com maior concentração de graus elevados de dominância são de ocupação “mais recente” ou mais urbanizadas, visto também que cada ponto apresenta, em uma perspectiva histórica e do tempo presente (recorte sincrônico), níveis de presença de população monolíngue em português diferentes; 3) a confissão religiosa, ainda que não pese por si só, reafirma os resultados obtidos com base nas demais dimensões analisadas.

Foram citados anteriormente muitos fatores que podem ter contribuído para o que é explicitado nos resultados obtidos. Questões naturais do desenvolvimento social em meio a outra comunidade de fala, como a aprendizagem bilíngue nos anos iniciais, o intercâmbio de informações, o comércio, o descolamento para regiões urbanas, somados a tentativas de assimilação forçada do português e atitudes negativas dos falantes em relação à sua língua, tudo isso influenciou para o que se obteve como resultado de análise da variável <grau de dominância do português no Hunsrückisch>. Entende-se que, para obter dados de maior precisão, o ideal seria trabalhar com mais de uma pergunta e as transcrições de suas entrevistas, o que se deve seguir na sequência dos estudos. Em pesquisas futuras, espera-se aprofundar o tema com uma maior diversidade de ferramentas e materiais de análise. Ainda assim, a amostra, mesmo limitada, já indica a importância das políticas e pesquisas linguísticas visando a manutenção da vitalidade das línguas minoritárias, movimento que sem dúvida merece uma atenção especial, no momento em que se rememoram os 200 anos da imigração alemã para o Brasil.

Referências

ALTENHOFEN, Cléo V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesisch*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1996.

ALTENHOFEN, Cléo V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, Christine et al. (org.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 93-116.

ALTENHOFEN, Cléo V. Standard und Substandard bei den Hunsrückern in Brasilien: Variation und Dachsprachenwechsel des Deutschen im Kontakt mit dem Portugiesischen. In: LENZ, Alexandra N. **German Abroad. Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung**. Viena: V&R Press, 2016. p. 103-129.

ALTENHOFEN, Cléo V. Stützung des Spracherhalts bei deutschsprachigen Minderheiten: Brasilien. In: AMMON, Ulrich; SCHMIDT, Gabriele (ed.). **Förderung der deutschen Sprache weltweit. Vorschläge, Ansätze und Konzepte**. Berlin: De Gruyter, 2019. p. 531-552.

ALTENHOFEN, Cléo V.; HABEL, Jussara M.; PREDIGER, Angélica. A escrita do Hunsrückisch. In: ALTENHOFEN, Cléo V.; HABEL, Jussara M.; NEUMANN, Gerson R.; PREDIGER, Angélica (org.). **Hunsrückisch em prosa e verso: textos do I Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017**. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2018. p. 23-34. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/184118>. Acesso em: 6 jan. 2023.

ALTENHOFEN, Cléo V.; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (org.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 289-315.

ALTENHOFEN, Cléo V.; MORELLO, Rosângela et al. *Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil*. Florianópolis: Garapuvu, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/194384>. Acesso em: 6 jan. 2023.

ALTENHOFEN, Cléo V.; THUN, Harald. A migração e os contatos linguísticos na geografia linguística do sul do Brasil e Bacia do Prata. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira. **A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados**. Londrina: EdueL, 2016. p. 371-392.

FISHMAN, Joshua A. Language maintenance, language shift, and reversing language shift. In: BHATIA, Tej K.; RITCHIE, William C. (ed.). **The handbook of bilingualism**. Malden; Oxford: Blackwell, 2006. p. 406-436.

HABEL, Jussara Maria. **O contínuo standard-substandard no contato entre hunsriqueanos, pomeranos e boêmios em Nova Petrópolis no sul do Brasil**. Tese (Doutorado) em andamento. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/238251>. Acesso em: 21 maio 2024.

HERRGEN, Joachim; SCHMIDT, Jürgen Erich. Dialektalitätsareale und Dialektabbau. In: PUTSCHKE, Wolfgang; VEITH, Werner H.; WIESINGER, Peter (ed.). **Dialektgeographie und Dialektologie. Günter Bellmann zum 60. Geburtsag von seinen Schülern und Freunden.** Marburg: N. G. Elwert, 1989. p. 304-346.

MELLO, Amanda Timmen. **A língua de imigração à sombra da língua oficial: entre a dominância do português e a vitalidade do Hunsrückisch.** Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Instituto de Letras, 2022. 55 p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/241863>. Acesso em: 25 maio 2024.

RADKTE, Edgar; THUN, Harald. Novos caminhos na geolingüística românica: um balanço. Traduzido por Minka B. Pickbrenner e Rita Dolores Wolf. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 5, p. 31-51, 1999.

HUNSCHE, Carlos H. **O biênio 1824/25 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro).** 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: A Nação, 1975.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os Imigrantes Alemães e seus Descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 3, n. 3, [s. p.], 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55637/33813>. Acesso em: 6 jan. 2023.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMAN LINGUISTICS AND PHILOSOPHY, 21., Palermo, 1995. **Anais [...]**. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729.

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland; RABANUS, Christian (ed.). **Language mapping.** Berlin: de Gruyter Mouton, 2010. p. 506-523.

THUN, Harald. Variação no contato entre informante e entrevistador. Tradução de Cléo Altenhofen e Filipe Neckel. Revisão de Cláudia Fernanda Pavan. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 40, p. 82-107, jan./jun. 2017.

WEINREICH, Uriel. **Languages in contact: findings and problems.** 7. ed. The Hague; Paris: Mouton, 1974 [1953].

WILLEMS, Emílio. **Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.